

## A relação de estudantes na graduação com a prática de escrita no gênero Artigo Científico

### ARTIGO

**Maria do Carmo Carvalho Madureiro<sup>i</sup>**

Universidade Federal do Piauí, Floriano, PI, Brasil

**Larissa Naiara Souza de Almeida<sup>ii</sup>**

Secretaria Municipal de Educação, Fortaleza, CE, Brasil

**Esequias Rodrigues da Silva<sup>iii</sup>**

Universidade Federal do Piauí, Floriano, PI, Brasil

**Messias Dieb<sup>iv</sup>**

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

### Resumo

A escrita de artigos científicos desempenha papel central para que estudantes universitários desenvolvam suas identidades como acadêmicos e consigam se expressar. Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa no âmbito de um curso de Licenciatura em Pedagogia e foca na produção do artigo científico em uma disciplina obrigatória do curso. Por meio da técnica de Instrução ao sócia (Oddone; Ré; Briante, 2008), os participantes foram instigados a autorrefletir e descrever o processo de produção de um artigo científico. Utilizamos a análise de conteúdo e obtivemos três categorias: 1) a aprendizagem de elementos formais do texto; 2) a busca de referência textual em modelos de artigo; e por último 3) o desejo de participação em práticas de letramento da comunidade acadêmica. Como contribuição deste trabalho, é possível destacar reflexões sobre a escrita de artigos científicos por estudantes que estão no início da construção de uma identidade acadêmica de escritor.

**Palavras-chave:** Gênero acadêmico. Escrita. Letramento.

### The relationship between undergraduate students and the practice of writing scientific articles

### Abstract

The writing of scientific articles plays a central role so that university students can develop their identities as academics and express themselves. This article presents qualitative research within the scope of a Degree in Pedagogy course and aims the elaboration of a scientific article for a mandatory course subject. Using the Double Instruction technique (Oddone; Ré; Briante, 2008), participants were encouraged to self-reflect and describe their process of producing a scientific article. We used content analysis and achieved three categories: 1) learning formal textual elements; 2) searching for textual references in article models; and finally 3) the willingness to participate in literacy practices within the academic community. As contribution of this work, it is possible to highlight reflections on the writing of a scientific article by students who are beginning to build an academic identity as writers.

**Keywords:** Academic genre. Writing. Literacy.

## 1 Introdução

2

Para Bakhtin (1997), a interação nas esferas da comunicação humana só é possível por meio dos gêneros discursivos, os quais são enunciados relativamente estáveis que traduzem modos de agir socialmente construídos. Isso nos leva a entender que a compreensão do domínio da língua para interagir nessas esferas implica saber usar a escrita não apenas na configuração usual e proficiente de um gênero, mas, sobretudo, em sua função social, atentando para sua construção composicional, seu conteúdo temático e seu estilo. Assim, é inegável a necessidade de compreender as convenções sociais da língua enquanto um sistema de representação, a fim de atender às dimensões dos gêneros. Tais aquisições, portanto, são engendradas mediante a apropriação de um *modus operandi*, historicamente e culturalmente construído, no seio da comunicação que determinadas comunidades discursivas (Swales, 1990) produzem e utilizam a escrita enquanto prática social (Street, 2014).

A Universidade, como uma dessas comunidades discursivas, precisa construir práticas e eventos de letramento que possibilitem a aprendizagem dos gêneros que organizam sua comunicação. Dessa forma, os estudantes do ensino superior, em especial os recém-egressos da Educação Básica, podem desenvolver suas identidades e se expressar por meio da escrita. Isso se justifica porque, segundo Bazerman (2018), no ensino médio, por exemplo, os estudantes têm seus conhecimentos controlados pelos limites do currículo e das avaliações, que, em muitos casos, basicamente reproduzem o conteúdo dos livros didáticos utilizados. Diferentemente desse mundo restrito de conhecimentos dos programas escolares, a escrita na Universidade “desafia os estudantes a inovar significados e planos para começarem a formar as identidades sobre as quais construirão carreiras” (Bazerman, 2018, p. 116). Portanto, a construção identitária profissional, permeada pela escrita acadêmica, é um desafio para o ensino da escrita.

Nesse contexto em que a Universidade se apresenta, o gênero textual-discursivo artigo científico assume relevância, por ser, atualmente, o meio pelo qual a comunidade discursiva acadêmica mais tem divulgado sua produção intelectual. Nesse percurso, os estudantes de graduação e/ou pesquisadores iniciantes precisam se afirmar como produtores de conhecimento, sendo desafiados a formar identidades e construir suas carreiras profissionais fazendo uso da escrita. Por motivos que vão desde a demanda por tempo, investimento financeiro e o trabalho entre colaboradores (Matte; Araújo, 2012), o artigo científico tem superado, em importância e prestígio, outros tipos de publicações comumente identificadas na comunidade acadêmica.

Tendo em vista a relevância indiscutível da escrita do artigo científico no interior da comunidade acadêmica como meio de aprendizagem dos conteúdos e importante instrumento de construção da identidade do jovem pesquisador, sobrepõe-se o papel mediador de todos os professores no ensino dos diferentes tipos de letramento acadêmico.

Mesmo que os estudantes cheguem ao ensino superior sabendo ler e escrever de forma proficiente, no que diz respeito aos conhecimentos acerca do sistema de escrita alfabética, os quais são resultantes de aproximadamente 12 anos de escolarização na Educação Básica, compreendemos que as práticas e os eventos de letramento são situados (Street, 1984; 2014). Por isso, é preciso que a Universidade, por meio do currículo, dos cursos e dos professores, promova a continuidade desse processo do ensino da escrita de gêneros acadêmicos, como o artigo científico, conforme já referido neste estudo. No entanto, é preciso compreender: de que maneira os estudantes estão se apropriando dessa prática e quais os sentidos que lhes atribuem?

Tendo em vista essa breve introdução ao tema, elegemos como objetivo para este trabalho analisar os modos pelos quais os estudantes de um curso de graduação em Pedagogia se apropriam da prática de escrita de um artigo científico. Ao discutir alguns aspectos desse processo, esperamos compreender mais sobre como tem se construído a relação dos estudantes de nível superior com a escrita acadêmica e, sobretudo, destacar a relevância do papel mediador dos professores universitários nessa construção.

## 2 O gênero artigo científico e a relação dos jovens pesquisadores com a escrita

4

A escrita de um artigo científico é uma atividade inerente à comunidade universitária, que utiliza esse gênero de linguagem para organizar parte de sua comunicação. Posto isso, incorporamos, neste estudo, a definição de gênero veiculada nos estudos de Bazerman, que define os gêneros como “modos de fazer coisas - e como tais corporificam o que se deve fazer, trazendo marcas do tempo e do lugar no qual se realizam tais coisas, bem como os motivos e ações realizados nesses lugares” (Bazerman, 2015, p. 35). Em outras palavras, seguimos com o autor considerando que o reconhecimento de um gênero ocorre, essencialmente, a partir da função social que ele exerce no momento em que é produzido.

Também não podemos deixar de considerar os aspectos apontados por Bakhtin (1997) nesse reconhecimento classificatório: o conteúdo temático, o plano composicional e o estilo. Enquanto o primeiro diz respeito ao assunto que é tratado pelo autor do texto, o segundo está relacionado à estrutura formal desse texto, e o terceiro concerne aos aspectos linguísticos e gramaticais que caracterizam as especificidades de cada esfera de comunicação. Embora todos esses aspectos devam ser levados em consideração, a função social, no tempo e no espaço existencial, é o que define de forma mais contundente o conceito de gênero, o que especialmente nos interessa discutir.

Para exemplificar a função social do gênero, tomemos como exemplo uma canção que trata, em seu conteúdo, de ingredientes para uma receita de feijoada. Ela não deixa de ser uma canção por apresentar esse tema. Isto é, não perde sua função social, pois, no contexto de uso, a função da lista de ingredientes é compor a letra de uma melodia, e não servir como uma receita culinária. Assim, o conteúdo, a forma e o estilo podem até sofrer variações ao compor um determinado gênero, mas não permitem que uma canção deixe de ser o que é, como no exemplo dado, apenas porque contém conteúdo de outro gênero. Assim, a transitividade entre o gênero receita e o gênero letra musical implica o reconhecimento da função apontada por Bazerman (2015).

A função social do gênero artigo científico implica comunicar resultados parciais ou finais de pesquisas científicas. Os artigos compõem publicações de baixo custo e possuem ampla circulação dentro da comunidade acadêmica, por meio de revistas e periódicos acadêmicos (Matte; Araújo, 2012). Quanto à sua forma e estilo, constata-se algumas variações textuais, sempre de acordo com a área de conhecimento em que o artigo é produzido, assim como pelo fato de ter de atender às normas específicas dos meios de publicação, como: eventos científicos, periódicos online, livros etc. Portanto, mesmo que o referido gênero possua uma forma tipificada, contendo introdução, fundamentação teórica, métodos, resultados, conclusões e referências, ele pode sofrer, como o texto de qualquer gênero, algumas alterações para atender às várias situações nas quais ele circula, sem descaracterizá-lo como tal.

Uma vez que o ato de escrever representa “uma relação particular com a escrita, com sua aprendizagem e com seus diferentes usos” nos espaços sociais (Barré-De Miniac, 2006, p. 204), consideramos que a aprendizagem da escrita acadêmica por graduandos deva ser um tema de interesse para pesquisadores e professores universitários das mais diferentes áreas ou disciplinas. Isto é, uma relação que não se aprisiona apenas à particularidade que o sujeito manifesta ao escrever, como afirmou a autora supracitada, precisa ser exercitada em diferentes contextos. Ainda que a relação com a escrita seja uma experiência singular, o jovem aprendiz de escritor acadêmico precisa reconhecer que *"saber escrever para seus pares é o principal meio de obter reconhecimento em sua área"*. (Matte; Araújo, 2012, p. 107, itálico no original).

Por outro lado, para que isso se torne viável para quem está começando, não podemos omitir que o percurso de escrita é difícil e extenuante. Nesse sentido, o apoio dos professores, na condição de parceiros mais experientes, é essencial para que os estudantes de cursos de graduação aprendam as tipificações que devem caracterizar seus textos, como, por exemplo, aquelas que se identificam com o gênero artigo científico. Essa premissa é reforçada pelas palavras de Matte e Araújo (2012, p. 170), ao dizerem que:

o domínio da escrita requer prática, muita leitura de textos da área e conhecimentos de linguagem formal, os quais podem advir da experiência ou

serem aprendidos em disciplinas específicas. [...]. É por meio da escrita que o jovem pesquisador consegue mostrar proficiência na área em termos de conhecimento dos avanços já realizados e reconhecidos por outros pesquisadores, em termos da história do conhecimento no campo específico em que trabalha, bem como em termos do conhecimento específico da área como um construto epistemológico coerente.

6 Alinham-se ao pensamento dos autores supracitados McLeod e Maimon (2000, p. 579), que descrevem o papel do professor “como o profissional já inserido na conversa [de sua] comunidade, [que tem como tarefa ajudar] o noviço, o estudante, a entrar nessa conversa”. Em outros termos, trata-se de auxiliar os estudantes a desenvolverem sua relação com a escrita acadêmica, para que esta se torne uma tarefa menos extenuante como comentamos acima. Ou seja, é desejável que, sob a influência mediada pela ação didática dos professores, os estudantes possam "se familiarizar com o mundo do saber disposto em textos já existentes e [...] descobrir como representar aquele saber, acatá-lo, usá-lo em benefício próprio e, talvez, ter algo a dizer sobre ele" (Bazerman, 2013, p. 195). Eis um grande desafio que está posto aos professores!

### 3 Metodologia

Optamos pela abordagem de pesquisa qualitativa, pois ela permite ao pesquisador adentrar a experiência individual de cada sujeito, em seus contextos naturais, observando o fenômeno que está sendo analisado. Nessa perspectiva, a pesquisa ocorre de forma aprofundada e atenta a muitas nuances, valorizando a subjetividade de quem lida com os processos analisados. Isso ocorre porque, entre outras características, a reflexão tende a se concentrar mais nos processos que circunscrevem o objeto de estudo do que no produto (Bogdan; Biklen, 1994). Portanto, a opção por essa abordagem se justifica pela tentativa de compreendermos as especificidades da relação de pesquisadores iniciantes com a escrita acadêmica, em particular no gênero artigo científico.

Diante do exposto, adotamos uma técnica de construção de dados denominada “Instrução ao Sósia”, idealizada por Oddone, Ré e Briante (2008). Essa técnica é muito utilizada na área da psicologia do trabalho durante os seminários de formação operária

para identificar a forma como o trabalhador realiza determinada atividade inerente ao ofício. Compreendemos que essa técnica seria apropriada para despertar nos participantes a autorreflexão, o pensamento sobre o "como fazer" e as motivações "sobre o fazer", no contexto da produção de um artigo científico.

Para esta pesquisa, a atividade realizada pelos participantes foi a de instruir um sócia sobre como proceder diante da tarefa de escrever um artigo científico. Entendemos que, ao se encontrar na situação de instruir um sócia a realizar o referido trabalho, o sujeito externaliza seus modelos mentais (Krapas *et al.*, 1998), os quais permitem ao pesquisador conhecer os "modos de fazer", bem como sobre os conhecimentos e concepções envolvidos na autorreflexão e no pensamento sobre essa atividade. Percebemos, assim, que a externalização dos modelos mentais, sob a perspectiva de quem ensina, implica uma exigência singular: um processo de elaboração que visa destacar aquilo que o sujeito avalia ser o mais importante em termos de conteúdo.

Para a elaboração do instrumento, seguimos as orientações metodológicas que prescrevem que o participante da pesquisa estipule tempo, data, dia e ocasião específica em que o sócia irá substituí-lo (Batista; Rabelo, 2013). Com isso, criamos uma situação imaginária, delimitada por algumas condições pré-estabelecidas. A primeira, em relação ao *tempo* e à *data*, a atividade foi pensada para ser realizada durante um semestre letivo, sem uma data específica, por entendermos que a referida atividade envolveria múltiplas tarefas para a elaboração completa do artigo. Quanto à *ocasião específica*, utilizamos o ambiente da disciplina "Pesquisa Educacional I", ofertada no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará (UFC), entre setembro e dezembro de 2020. Essa escolha se deve ao fato de este estudo estar inserido dentro de uma investigação mais ampla, que é a pesquisa de doutorado de uma das autoras do presente texto, conduzida no mesmo contexto. Os estudantes matriculados nessa disciplina, ofertada semestralmente, constituíram os sujeitos da pesquisa. Por último, a *atividade específica* imaginária foi a escrita de um artigo científico, um requisito da referida disciplina.

Postas essas informações, elaboramos a seguinte situação:

*Suponha que eu me parecesse muito com você, ou seja, que eu fosse fisicamente idêntico a você, e que, por isso, você me escolheria para lhe substituir durante algumas semanas no próximo semestre do curso, quando haverá uma atividade de escrita a ser realizada. Essa atividade envolve a escrita de um artigo científico, que será solicitada mais uma vez pelos professores, valendo sua aprovação na disciplina Pesquisa Educacional I. Quais seriam as informações que eu deveria saber sobre a escrita desse texto para que ninguém percebesse a sua ausência? Como você aprendeu sobre a escrita desse gênero de texto acadêmico? Observação: não há limite de palavras para sua resposta, pois você deve instruir o seu sócia cuidadosamente.*

Em relação à atividade específica, os estudantes convidados a participar da pesquisa estavam desenvolvendo e produzindo a escrita de um artigo científico durante o semestre letivo, sob a orientação do professor da disciplina. É importante destacar que a dinâmica de organização da disciplina e os modos de realização das tarefas durante o semestre letivo pelo professor permitiram a escrita do artigo de forma coletiva, em grupos de até três participantes. O instrumento foi aplicado no último mês do citado semestre letivo, de forma online, por meio da plataforma de formulários do Google, e enviado para os alunos da turma por meio de seus endereços de e-mail. A escolha do período se justifica por compreendermos que, naquela fase, os participantes já estavam finalizando a atividade de escrita do artigo, e, portanto, supostamente estariam mais hábeis em ensinar o sócia a realizar tal tarefa.

O formulário enviado foi composto por duas páginas online. Na primeira parte, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), juntamente à opção de aceite ou recusa. Na segunda parte, incluímos o enunciado do instrumento, com linhas abaixo para que os participantes pudessem responder à situação, sem limite de palavras definido para a resposta. O e-mail de divulgação da pesquisa, pedindo a colaboração dos alunos da turma, foi enviado semanalmente, totalizando 141 mensagens ao longo de 30 dias. Ao final, obtivemos 16 devolutivas dos estudantes, das quais três não assinaram o TCLE. Assim, foram validadas 13 respostas de instrução ao sócia, referentes aos participantes que responderam ao e-mail e assinaram o TCLE online.

De posse das respostas dos participantes, prosseguimos com a análise dos dados, apresentados e discutidos a seguir. Essa fase da pesquisa foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, delineada em três etapas, a saber: descrição, categorização e interpretação dos dados (Franco, 2005). Inicialmente, identificamos blocos temáticos aludidos pelos estudantes, aqui referenciados por meio de nomes fictícios. Como já nos referimos, a escolha dessa técnica se justifica pelo fato de que nos interessava analisar o conteúdo das mensagens da instrução ao sósia com foco no processo de produção do gênero artigo científico e nos significados atribuídos pelos estudantes àquela prática social de escrita nesse contexto.

Construímos, no decorrer da análise, três blocos temáticos a partir da imersão empírica nas respostas dos estudantes à instrução ao sósia, a saber: 1) a aprendizagem de elementos formais do texto; 2) a busca de referência textual em modelos de artigo; e 3) o desejo de participação em práticas de letramento da comunidade acadêmica. Portanto, dando prosseguimento às outras duas etapas da técnica, detalharemos a seguir a descrição e a interpretação dos dados da pesquisa, abordando de forma linear as três categorias apresentadas anteriormente.

## 4 A aprendizagem de elementos formais do texto

Identificamos, nesta primeira categoria analítica, um grupo de conhecimentos evocados pelos estudantes como estratégia de apropriação da escrita acadêmica, a destacar: o domínio do vocabulário, adequação da linguagem e uso de modelos, como dito nas passagens a seguir:

*O mais importante é não usar palavras antigas, derivadas de grego, latim... essas coisas jamais, mas também não pode ficar muito pobre. Vocabulário diversificado, vários conectivos diferentes, mas nada erudito. Eu aprendi a escrever desse modo no terceiro ano, fazendo redações pro ENEM e depois adaptei algumas coisas de acordo com os modelos que foram ensinados na faculdade e também reparando nos textos acadêmicos que leio, como o autor se expressa, como está organizado o texto (Beatriz).*

*Primeiramente, você deve escrever na norma culta da língua. Não use a primeira pessoa do singular e fique muito atento em relação a clareza das informações que quer passar, após concluir cada ideia, releia e veja se há informações desnecessárias ou confusas. Ao mudar de parágrafo, esforce-se para usar elos coesivos para deixar o texto "costurado" (Joana).*

10 As percepções das estudantes Beatriz e Joana representam o entendimento da totalidade dos estudantes. Eles acentuam aspectos formais como dominantes na escrita do artigo científico em dois níveis. O primeiro nível atenta para a dimensão gramatical da forma. Desse modo, coloca-se em relevo inicialmente a necessidade de possuir conhecimento sobre um vocabulário atual. Todavia, isso não seduz apenas pelo que é mais evidente em termos de vocabulário: seu caráter hodierno, pois conseguem ser críticos ao identificarem algumas formalidades próprias da escrita acadêmica, por exemplo, termos em latim ou eruditos, como até desnecessários.

Ainda nessa esteira, percebemos que seus conhecimentos são apurados ao ponto de mencionarem a importância da utilização de conectivos. Embora não fique explícito em suas falas, não é temeroso afirmar que entendem as consequências de seus usos na organização das ideias do texto. As justificativas apresentadas pelos estudantes até aqui são coerentes com o contexto social de uso da escrita, derivado de sua experiência na Educação Básica. Tal aprendizado é sintetizado pela citação de que as aprendizagens de tais conhecimentos foram em razão do processo de aprendizagem de técnicas para fazer uma boa redação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Para nós, um segundo nível, mais amplo de apropriação formal da escrita, é alcançado com a imersão no ambiente universitário. Modelos de dissertações, teses, resenhas e o próprio artigo científico exemplificam diferentes gêneros de escrita ensinados na universidade. Todavia, a exigência da escrita acadêmica, como era de se esperar, traz uma demanda cultural transcendente ao aspecto meramente gramatical ressaltado anteriormente. Embora haja a afirmação de que o conhecimento adquirido no âmbito do espaço escolar tenha sido transposto e adaptado para este segundo espaço formativo, é a singularidade do aspecto formal, introduzido pelo uso de modelos, que se destaca agora.

Com efeito, não podemos presumir que o fato de mencionar o termo “modelo” implique uma compreensão profunda desse conceito, mas é certo que os estudantes o reconhecem como uma exigência formal da cultura universitária e entendem seu modo de apropriação de diferentes perspectivas. Assim, não é apenas pelo dominar os elementos estruturais do modelo de um determinado gênero, mas também por percebê-los de forma empírica nos textos acadêmicos que agora são obrigados a ler. Isto é, eles sabem identificar em dado gênero que leem, como um artigo, por exemplo, elementos como contextualização, problematização, objetivos, metodologia e referencial teórico. Avancemos com a análise desses excertos.

Por exemplo, estamos convictos de que a transposição mencionada nas falas acima é modesta para fazer uma boa redação ou escrita acadêmica, como acreditam os estudantes. É mais factível defendermos que a compreensão da natureza social da linguagem escrita nesse espaço cultural, tal como enfatizada pelos cânones das agências de letramento acadêmico, envolve especificidades de conhecimentos que tornam a transposição de práticas do ambiente escolar para o universitário um processo mais sinuoso. Ou seja, práticas e eventos de letramento divergem muito entre esses dois espaços. Portanto, entendemos não ser possível que a aquisição de uma série de técnicas, circunscritas ao domínio gramatical ou mesmo de um modelo padrão, na forma de um *template*, por exemplo, venha a dar conta da complexidade do processo de letramentos.

Para nós, trata-se de uma representação válida como ponto de partida, como dizem, porém não coaduna muito com as exigências do letramento acadêmico defendido por diversos autores citados ao longo desse texto. Por fim, apesar de forçosa a ideia de tentar estender ao contexto universitário aqueles conhecimentos convenientes à cultura da escrita escolar, os estudantes demonstram compreender algumas restrições ali impostas. Em outras palavras, podemos dizer que, ao chegarem à universidade, diante de novos gêneros discursivos, os discentes adaptam o estilo de aprendizagem da escrita escolar para o ensino superior, desenvolvendo estratégias para melhor interagir com as demandas de escrita da academia. Para tal, buscam a leitura dos gêneros acadêmicos

para conhecer a estrutura, a forma e o estilo desse tipo de escrita. No entanto, suas falas deixam claro que, no ambiente acadêmico, também existe a apresentação de modelos previamente elaborados.

Por sua vez, o uso de modelos para gêneros bem estruturados, como o artigo científico, e previamente definidos no ambiente acadêmico, expõe uma problemática anunciada: a cobrança aos estudantes pela apropriação dos textos que circulam nesse universo. Porém, por outro lado, sem um direcionamento por parte dos professores sobre como conduzir esse processo, teríamos que acreditar em um autodidatismo comum a todos os estudantes que ali chegam, o que nos parece uma hipótese pouco crível. Admitimos, hipoteticamente, que ainda existe uma deficiência no processo de ensino com vista a ampliar o letramento acadêmico dos estudantes. Por conseguinte, muitos universitários não sabem como identificar e expressar as marcas típicas de um artigo científico.

Não podemos desconsiderar que os modelos apresentados nos livros de metodologia científica podem ajudar os estudantes a compreenderem o estilo e o formato dos gêneros acadêmicos. Contudo, reduzir a complexidade da escrita acadêmica a uma série de regras, inerentes às características ontológicas do modelo, pode ser contraprodutivo para compreendê-los como construção social regida por funções bem específicas. Assim, defendemos que o apoio docente pode ampliar a noção de modelo ao circunscrever especificidade de escopo, estabelecer relações e especificar funções, como nos advertiu Halloun (2006).

É claro que não existe um modelo único para interagir e se apropriar da escrita, mas sim um conjunto diversificado, inerente aos contextos sociodiscursivos. Além disso, conforme a sociedade se transforma, novas formas de escritas e desafios epistemológicos vão surgindo materializadas por gêneros do discurso. Portanto, não podemos homogeneizar as práticas sociais de uso da escrita e seus modelos de referência a ponto de descaracterizá-las. Os estudos comentados a seguir são sensíveis a esse ponto.

Lea e Street (1998; 2014), ao se debruçarem sobre questões relacionadas ao letramento dos estudantes na universidade, delinearam três perspectivas sobrepostas em

relação aos modelos: o modelo de habilidades de estudo, o modelo de socialização acadêmica e o modelo de letramentos acadêmicos.

O primeiro, modelo de *habilidades de estudo*, concebe a escrita e o letramento como habilidade individual e cognitiva. [...] O segundo, denominado *socialização acadêmica*, tem relação com a aculturação de estudantes quanto a discursos e gêneros baseados em temas e em disciplinas. [...] supõe que discursos disciplinares e os gêneros são relativamente estáveis e que, tendo os estudantes dominado e entendido as regras básicas de um discurso acadêmico particular, estariam aptos a reproduzi-lo sem problemas. O terceiro modelo, o de *letramentos acadêmicos*, tem relação com a produção de sentido, identidade, poder e autoridade; coloca em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico (Lea; Street, 2014, p. 479).

Apresentados esses modelos, os autores ressaltam que os dois primeiros “têm guiado o desenvolvimento de currículos, de práticas didáticas, bem como de pesquisas” (Lea; Street, 2014, p. 479). Identificamos esses modelos em nosso trabalho, conforme exemplificado e analisado por meio da fala da estudante Beatriz. Mais uma vez, recorrendo ao pensamento de Svoboda e Passmore (2011), entendemos a dependência do acesso a múltiplos modelos para um melhor aproveitamento da compreensão por eles permitida. A cultura universitária, certamente, é um espaço privilegiado para reforçar essa tese.

Não reconhecer esse aspecto das representações encerradas nos modelos, a parcialidade ontológica e suas diferentes funções, acaba por circunscrever a abordagem do letramento insensível à diversidade de práticas sociais de uso da linguagem, ou seja, a escrita não é um conhecimento situado historicamente. Como vimos na fala da estudante Beatriz, havia a crença de que a posse de habilidades de cunho cognitivo e individual poderia ser transferida a qualquer contexto social.

Outra consequência dessa restrição do modelo de habilidade de estudo é que caberia apenas ao sujeito dominar as convenções e os usos da leitura e da escrita na universidade. Dito de outra forma, ele é o único responsável pelo seu êxito ou seu fracasso na condução dessas práticas, portanto, ignora-se a influência de outros fatores, como aqueles apontados pelos modelos de socialização e letramentos acadêmicos. Enfim, nessa categoria, observamos que as estudantes Beatriz e Joana descrevem seu processo de aprendizagem da escrita destacando a prevalência de critérios normativos, ao acenar

para o domínio do vocabulário e da sintaxe, próximos da apropriação do modelo de habilidade de estudo proposto por Lea e Street (2014).

Todavia, ações de aprendizagem da escrita mediadas por modelos mais sofisticados, como o de socialização acadêmica, aparecem timidamente quando as estudantes se referem ao próprio conceito de modelo como uma ferramenta, um *template*, corroborado pela ideia de que o artigo deve seguir um modelo previamente formulado. No entanto, esse escopo, apesar de legítimo por envolver os estudantes no processo de aculturação de uma prática delineada própria da escrita acadêmica, não dá conta por si de enquadrar o artigo em sua dimensão social por meio do gênero do discurso.

Em outras palavras, os estudantes colocam maior ênfase no conhecimento da norma culta como elemento indicador de apropriação da escrita acadêmica e na ideia de que o artigo deve seguir um modelo previamente formulado, menosprezando, assim, a dimensão social da linguagem e do gênero do discurso. Ou seja, concebemos ser tênue a presença de aspectos que definem o terceiro modelo, o de *letramentos acadêmicos*. Certamente, esse último modelo reque maior sofisticação, embasando assim a tese de que o apoio docente é fundamental para que os estudantes possam se apropriar plenamente dele.

## 5 A busca de referência textual em modelos de artigo

Neste segundo ponto da análise empreendida, a preocupação dos estudantes com a forma, em detrimento do conteúdo, foi o aspecto central que se evidenciou em meio aos seus apontamentos de como elaborar um artigo científico. Analisamos esse aspecto no tópico anterior, destacando, sobretudo, seu desdobramento como consequência da trajetória dos estudantes em dois espaços educativos: educação básica e educação superior. Agora, nos distanciamos dessa preocupação precípua de acentuar a análise baseada nas imbricações entre essas culturas educativas, e sublinhamos a influência singular do ensino universitário. Todavia, continuamos analisando os conhecimentos

apropriados pelos estudantes por meio dos modelos de letramento supracitados como referencial teórico.

Não nos causou surpresa identificar esse aspecto formal nos dados empíricos trazidos pelas falas dos estudantes, pois hipoteticamente já sabíamos que os dois últimos modelos propostos por Lea e Street (2014), *socialização acadêmica* e *letramentos acadêmicos*, configuram tipos mais complexos de apropriação do conhecimento sobre a escrita. Isto é, os estudantes estão mais dessensibilizados para assimilar que o processo de escrita implica captar um sentimento de pertencimento e aculturação de uma dada cultura, ao mesmo tempo em que exige perceber como esta faz uso social dessa prática.

Por sua vez, a perspectiva de limitar o conhecimento da escrita acadêmica ao domínio de regras prescritas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é lembrada com detalhes e veemência no espaço acadêmico, como demonstra a estudante Clara, a seguir:

*Um artigo científico deve ser escrito com linguagem clara e formal e seguindo a norma culta da língua portuguesa, a formatação deve ser Times New Roman, tamanho 11, espaçamento 1,5 e texto deve ser espaçado. É muito importante não haver cópias nem plágios, por isso as citações devem ser referenciadas e se passar de 3 linhas deve ter um espaçamento de 4 cm e diminuir a letra para o tamanho 8 a capa deve conter nesta ordem o emblema da UFC, o nome da universidade e da faculdade, o nome da disciplina, o nome do professor, e o meu nome ao centro o título do trabalho e ao final da folha a data. Além disso, é muito importante ter embasamento, por isso é necessário ler pelo menos dois textos sobre o assunto abordado. Qualquer dúvida, consultar as normas da ABNT, principalmente para as citações. E, ao final do texto, deve haver as referências usadas ao longo do texto (Clara).*

Nossa segunda hipótese sobre esses resultados é que esse comportamento dos estudantes reflete o encaminhamento de ensino da escrita habitualmente desenvolvido na universidade, que privilegia dos aspectos formais. Posto isso, sustentamos que essa prática é encabeçada pelos próprios docentes, que geralmente atribuem a responsabilidade de ensinar a leitura e a escrita acadêmica ao professor de metodologia científica. Na Educação Básica, como se sabe, esse ônus foi geralmente atribuído ao professor de língua portuguesa, como analisaram Neves *et al.* (2011). Nos dois casos, essa postura ignora o problema da escrita como uma demanda às diferentes formas de

conhecimento e da própria ação pedagógica institucional. Ademais, também desvela como o *letramento do tipo autônomo* (Street, 2014) é alicerçado no ensino superior.

Entretanto, para entendermos a chamada dirigida aos professores e às instituições de ensino, é preciso lançar luz sobre o que Lillis (1999) denomina como *prática institucional do mistério*, ou seja, aquela ambiência na qual os estudantes não entendem o que os professores falam, tampouco os motivos que direcionam as ementas e as dinâmicas das aulas nas disciplinas ministradas.

Se concordamos com Perrenoud *et al.* (2002) que não se pode fugir à demarcação ideológica para enfrentarmos a formação de professores voltada à consolidação de práticas escolares democráticas, teremos de negar a neutralidade quando falamos da apropriação da linguagem escrita pelos estudantes durante o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, não podemos desconsiderar o aspecto social, cultural e histórico implicado na aquisição e prática desse conhecimento.

Assim, não é defensável que o ensino desse conhecimento seja limitado à exposição de uma série de normas técnicas, como aquelas prescritas pela ABNT, no âmbito da onipotência creditada ao professor de metodologia científica, ou pelo desejável coletivo de professores, como defenderam Neves *et al.* (2011). O contexto acadêmico, enquanto agência de letramento, requer a compreensão de um conjunto de elementos que materializam a escrita nesse ambiente, que é diferente daquela aprendida na escola. Para nós, esses elementos exigem, entre outras coisas, um ensino sistemático e reflexivo, plausível em um ambiente coletivo e institucional. Um ensino que seja explícito sobre o modo como o conhecimento é organizado e utilizado.

Contudo, o que se percebe na atuação dos docentes é mais parecido com uma *prática institucional do mistério*, que deixa tácitas muitas das condições cognitivas e sociais do ensino da escrita. Sob essa perspectiva, o letramento acadêmico desses estudantes pode encontrar muitas barreiras, as quais, inadvertidamente, podem ser atribuídas ao cognitivo, quando nos parecem mais próximas da organização curricular. A *prática institucional do mistério* no contexto da produção dos gêneros discursivos, como descrita por Lillis (1999), fundamenta-se ainda na pressuposição de que os conhecimentos

sobre a escrita ostentam fácil aquisição. Logo, acredita-se que a simples imersão ao cotidiano do ensino superior iria dotar os estudantes de condições para usufruir dessas habilidades.

Por conseguinte, o professor não percebe que está no âmbito de sua responsabilidade também criar elementos para a aprendizagem desse letramento, uma vez que os estudantes não possuem habilidades suficientes para pôr em ação uma prática de escrita que requisita mais do que o seu domínio técnico. Portanto, sob a influência da *prática institucional do mistério*, presume-se que aqueles já dominam todos os códigos da escrita, não cabendo mais ao docente ensiná-los.

Em síntese, sobre o relato da estudante Clara, podemos concluir que quase toda sua fala se inclina para o modelo de habilidade de estudo. Esse aspecto é observável quando a estudante esclarece como faz o uso do conhecimento da norma culta para elaborar um artigo científico, desse modo, predomina o aspecto estrutural da língua, com destaque para o uso correto da norma culta, em prejuízo a sua função social. No entanto, principalmente em suas últimas frases, é possível identificar a apropriação da prática da escrita mobilizada não estritamente por habilidades individuais e cognitivas, mas por traços de uma socialização acadêmica.

Ao afirmar que a escrita deve ser fundamentada, entendemos que o indivíduo se envolve em um processo de aculturação, pois identifica que sua escrita deve estar em comunhão com uma prática que é social. A ideia de referencialidade na última frase também reforça esse argumento. Até esse ponto da análise, o que mais se observou foi que as estudantes Beatriz, Joana e Clara relataram a possibilidade de adaptar e criar estratégias para a aquisição da escrita de um artigo científico na universidade a partir da apropriação de aspectos estruturais do texto. Esse processo envolve a composição organizacional de caráter linguístico, que se baseia em saber ordenar, de forma satisfatória, a norma culta, com ênfase na escrita correta das palavras, fazer um bom uso da ortografia, com destaque para o bom uso das regras de pontuação, além de saber gerir a escolha adequada de palavras para compor frases e orações, ou seja, conhecer as especificidades da sintática e da semântica.

Essas características são pontos importantes dos conhecimentos mobilizados durante a escrita. No entanto, o que estamos defendendo é a necessidade de reconhecer, nessa prática, uma ênfase maior na construção reflexiva e na função social do texto, objetivos que são mais complexos e sustentados pelos modelos de socialização acadêmica e de letramentos. Essas estratégias estão, em sua grande maioria, ligadas aos modelos de letramento que Lea e Street (1998; 2014) denominaram como modelo de habilidades de estudo e modelo de socialização acadêmica.

## 6 O desejo de participação em práticas de letramento da comunidade acadêmica

As características do modelo de “letramentos acadêmicos”, descrito por Lea e Street (2014), levam em consideração a escrita como uma prática social permeada por relações de poder e identidade. Esse modelo subsume os dois citados anteriormente, o de habilidades de estudo e o de socialização acadêmica. Isto é, o modelo de letramentos acadêmicos é aquele que incorpora, no seu esforço ontológico de representar a escrita acadêmica na universidade, outras funções para além das já indicadas. Desse modo, a grande contribuição do modelo de letramentos acadêmicos é que, “em vez de destacar os *déficits* dos alunos, a abordagem do modelo de letramentos acadêmicos coloca em primeiro plano a variedade e a especificidade das práticas institucionais e a luta dos estudantes para que essas práticas façam sentido” (Lea; Street, 2014, p. 491).

É um modelo de escopo ampliado, pois busca circunscrever: o domínio técnico, o processo de aculturação e a função social da escrita. Como esperado, observamos uma inclinação ainda tímida em relação a esse modelo mais complexo, como vemos no discurso do estudante Hélio:

*O processo de escrita acadêmica não é tão fácil, portanto, estou buscando aprender através de algumas estratégias que são: estudando, lendo outros artigos e conversando com colegas e meu orientador, onde fiz algumas escritas e pedi para ser analisada por outros, verificando depois as observações dos colaboradores e reescrevendo o texto. Esse processo é constante, pois sempre se tem algo a ser melhorado em um texto, principalmente no acadêmico (Hélio).*

*Começo lendo os textos base, procuro outros textos para complementar, marco as partes que para mim parecem mais importantes. A partir dessas partes grifadas, tento escrever o que entendi da temática, tentando relacionar os pontos entre si (Janete).*

Aqui observamos que os estudantes Hélio e Janete compreendem a escrita como um processo interativo (Oliveira, 2010), em que as etapas implicam também recorrer aos pares da comunidade acadêmica: professores, colegas, orientadores e artigos já publicados de pesquisadores reconhecidos pela comunidade. Eles identificam agentes que podem contribuir com sua escrita e reescrita. Por isso, supomos que talvez estejam mais sensíveis a perceber a escrita como uma construção humana, cuja apropriação vai além do domínio de técnicas de forma solitária.

Desse modo, o comportamento relatado por Hélio e Janete aponta indícios de que eles entendem a escrita de um artigo científico como uma construção coletiva, envolta de conhecimentos complexos. Por isso, eles buscam diversas estratégias de apropriação, como a leitura de artigos já publicados, como uma prática própria do processo de aculturação. Em outras palavras, busca a familiaridade com o estilo acadêmico de forma empírica, e não somente pela leitura de normas técnicas, como demonstrada pelos estudantes anteriores. Como já mencionamos, a finalidade discursiva desse gênero aparece timidamente em nossos achados, vimos isso na fala do estudante Hélio ao comentar que socializa seus textos com seus pares.

Também observamos entre os participantes um sentimento de pertencimento à comunidade acadêmica, identificando-se como escritores ao apresentarem, em suas palavras, indícios de um comportamento típico de sócia-experiente, ou seja, eles se sentem pertencentes à comunidade ao ponto de perceberem que já realizaram outras produções acadêmicas, e, portanto, se autodefinem como escritores, especificamente no que concerne a escrever artigos. Esse fato foi demonstrado por cerca de 80% dos estudantes.

*Como vê, esse sócia, teria grandes dificuldades em me "plagiar", pois sou a cópia verídica de meus educadores e eles são o exemplo do que quero ser quando crescer (na escrita acadêmica), estou em constante processo de amadurecimento e construção de meus saberes (José).*

*O artigo é um tipo de texto acadêmico de divulgação científica, é importante ser objetivo e deixar claro que tipo de **resultados ou andamento de uma pesquisa você deseja compartilhar**, objetividade é essencial, [...] nele você deve **apontar o que o seu estudo resolveu** ou refletiu de mais importante, apontando se conseguiu alcançar os objetivos iniciais, pode também **destacar a necessidade de algum outro estudo** que possa complementar (Fabiana).*

*Não esqueça de colocar as referências ao fim do artigo, pois é **preciso dar os créditos aqueles que pesquisaram antes de você** e, assim, ajudaram no desenvolvimento do artigo. E é isso. **Aprendi a escrever dessa forma** com a disciplina de metodologia científica (Rute).*

Nos trechos acima, podemos observar que José diz ser difícil para o sócia imitar sua escrita acadêmica, pois ele é a cópia de seus educadores, equiparando-se a eles em termos de capacidade escritora. Fabiana, além de se referir aos aspectos técnicos do artigo, também se dispõe a orientar sobre o papel social do artigo dentro da comunidade acadêmica, como compartilhar e divulgar os resultados de pesquisas, apontar questões elucidadas e indicar a necessidade de novos estudos. Nesse mesmo sentido, Rute orienta sobre mencionar os estudos anteriores e “dar os créditos” aos pesquisadores anteriores, afirmando que aprendeu a escrever dessa forma em uma disciplina específica. Assim, ela se reconhece escritora e com capacidade de escrever porque já aprendeu e ainda sabe exatamente onde aprendeu.

Desse modo, podemos dizer que os estudantes reconhecem que a escrita é uma prática inserida em um contexto social e que, por isso, escrever é um processo de reflexão amparado pelo referencial teórico e produto da acumulação cultural entre os membros de uma comunidade.

Portanto, a relação do estudante com a escrita é construída por um conjunto de relação. Na perspectiva da “relação com o saber” (Charlot, 2000), toda relação é uma relação de sentido. E só há sentido porque há desejo. Esse desejo, mencionado por Charlot, é compreendido sob as perspectivas psicanalítica e antropológica, pois, enquanto sujeito inacabado e vivendo em sociedade permeada de práticas culturais, esse indivíduo deseja participar plenamente dessas práticas. Neste caso, nos referimos às práticas de

letramento da universidade. Desse modo, ao desejar essa participação, os estudantes produzem sentido, o que impulsiona para a aprendizagem.

O desejo de plena participação nas práticas de letramento da comunidade acadêmica fica evidente nas palavras dos estudantes Janete e Hélio, ao mencionarem suas buscas por ler outros artigos e textos, procurando conversar com colegas e professores sobre suas produções escritas. Diante desse comportamento dos dois estudantes, podemos inferir que eles demonstram interesse em descobrir modos de se engajar com a cultura disciplinar à qual pertencem.

Bazerman (2020, p. 93) também nos ajuda a pensar sobre o significado atribuído à escrita:

As formas de escrita são fenômenos históricos — criados, reconhecidos, mobilizados e fortalecidos dentro da mente de cada escritor e leitor em momentos sócio-históricos específicos, mas transmitidos na acumulação de textos. A experiência textual acumulada e socialmente contextualizada aumenta o repertório formal e o comando processual de cada escritor e leitor.

A análise da escrita como experiência e prática social, como defendida por Bazerman (2020) anteriormente, é observada também em Street (1984), quando analisa o modelo de letramento ideológico. Ele concebe a escrita como um conhecimento moldado socialmente pela história e pela cultura, que, portanto, interfere na organização e no desenvolvimento de uma sociedade pelo estabelecimento de relações de poder. Nessa esteira, ser hábil no uso desse conhecimento pode significar ter condições de transformar a sua realidade ao desenvolver um olhar mais crítico e reflexivo para compreender problemáticas que interferem no contexto social em que se está inserido.

Também observamos que os estudantes apresentam elementos que dialogam com o modelo ideológico de letramento descrito por Lea e Street (2014). Fica evidente em suas falas a ideia de que a escrita não é um modelo pronto e acabado; não se trata de escrever um artigo por meio de uma fórmula previamente elaborada, que se encaixa em qualquer lugar, sem refletir sobre a finalidade e o propósito comunicativo desse conhecimento. Assim, sua utilização adequada deve corresponder ao contexto social em

que é requerida, pois, para diferentes contextos sociais, existirão formas variadas de se fazer usos sociais da linguagem.

Assim, saber escrever um artigo, para o estudante, tem relação com a função social desse gênero, a sua finalidade social e a contribuição que ele terá para os seus pares. O estudante compreende que, para aprender a escrever um artigo, precisa ler, dialogar com colegas mais experientes e revisar seu texto, diferentemente da ideia de utilizar um modelo previamente definido, uma fórmula que descaracteriza a função social da linguagem. Desse modo, observa-se que os estudantes Hélio e Janete identificam diversas relações de poder envolvidas no processo de escrita de um artigo, ou seja, identificam aquele que escreve dependente de uma rede de colaboradores e superiores que exercem relações de poder. Ou seja, há aqueles que corrigem e orientam os autores, além de artigos já publicados por pesquisadores mais experientes que servem de referência para sua produção.

## 7 Considerações finais

Desenvolvemos uma análise acerca dos conhecimentos que os estudantes do curso de graduação em Pedagogia possuem sobre o processo de escrita de um artigo científico, no contexto da disciplina Pesquisa Educacional, ofertada no quinto semestre. A partir dos dados obtidos por meio da *Instrução ao Sósia*, fundamentando nossas análises nos estudos de Lea e Street (2014), por oferecerem um referencial teórico delineado por três modelos, por meio dos quais é possível compreender o ensino da escrita na universidade para além da perspectiva instrumental, comumente circunscrita por docentes e estudantes em diferentes espaços de formação.

Quanto aos conhecimentos evocados pelos estudantes ao instruir o sósia sobre como escrever um artigo científico, identificamos e discutimos a predominância de habilidades técnicas. Essa ênfase recai, essencialmente, sobre o modelo de *habilidades cognitivas* e o modelo de *socialização acadêmica*. Podemos inferir que, ao invocarem conhecimentos e habilidades distintas inerentes à escrita do artigo científico, os

estudantes incorporaram o *modo de fazer* um artigo científico, tanto que demonstram tais habilidades ao apresentarem ao sócia instruções detalhadas e orientações diversas.

Outro destaque sobre as concepções de escrita desses estudantes é a percepção da língua como uma finalidade em si mesma, que pode ser transportada de um contexto para outro sem que haja implicações sociais, culturais e históricas sobre isso. Por outro lado, também reconhecemos uma compreensão menos tradicional sobre esse conhecimento, enquanto uma prática social de uso da linguagem. Tal prática tem como princípio atender a um objetivo sociodiscursivo que se modifica de acordo com o contexto social em que é requerida, como divulgar os dados de um estudo científico em um artigo para a comunidade acadêmica. Ademais, os dados empíricos analisados nos direcionam a inferir que o sentido mais proeminente da prática de escrita de artigos pelos estudantes está relacionado a se sentirem partícipes da comunidade acadêmica como escritores.

Destacamos como contribuição deste trabalho, para os nossos pares, pesquisadores e professores de letramento acadêmico e demais interessados no assunto, a possibilidade de incitar reflexões sobre as práticas pedagógicas que se desenvolvam no contexto universitário que trabalham a escrita, bem como refletir sobre a escrita de um artigo científico por estudantes e como elaborar estratégias de ensino. Em uma perspectiva ampla, podemos pensar na proposição de mudanças curriculares nos cursos de graduação em Pedagogia, seja no âmbito das disciplinas ou nas atividades de componentes curriculares, com o entendimento de que os letramentos acadêmicos, mais especificamente da escrita acadêmica, abarcam uma concepção transdisciplinar.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In.*: BAKHTIN, Mikhail. (org.). **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 261-306.

BARRÉ-DE MINIAC, Christine. Du rapport à l'écriture à l'apprentissage des formes discursives. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 203-219,

2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273860682\\_Du\\_rapport\\_a\\_lecriture\\_a\\_lapprentissage\\_des\\_formes\\_discursives](https://www.researchgate.net/publication/273860682_Du_rapport_a_lecriture_a_lapprentissage_des_formes_discursives). Acesso em: 15 abr. 2024.

BATISTA, M.; RABELO, L. Imagine que eu sou seu sócia... Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1-8, 30 jun. 2013.

BAZERMAN, Charles. **A theory of literate action: literate action**. Fort Collins, Colorado/Anderson, South Carolina: WAC Clearinghouse and Parlor Press, 2013. v. 2.

BAZERMAN, Charles. **Retórica da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAZERMAN, Charles. Criando identidades em um mundo intertextual. *In*: DIEB, Messias (org.). **A aprendizagem e o ensino da escrita: desafios e resultados em experiências estrangeiras**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 115-131.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel 2. ed. Recife: Pipa Comunicação; Campina Grande: EDUFPG, 2020.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. (Coleção Ciências da Educação)

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo** 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

HALLOUN, Ibrahim A. **Modeling Theory in Science Education**. v. 24. Springer: s. n., 2006.

KRAPAS, Sonia *et al.* Modelos: uma análise de sentidos na literatura de pesquisa em ensino de ciências. *In*: COLINVAUX, Dominique (org.). **Modelos e educação em ciências**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. The “Academic Literacies” model: theory and applications. **Filol. Linguíst. Port.**, São

Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014.

LILLIS, Theresa. Whose 'Common Sense'? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (org.). **Students writing in the university: cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 127-140.

25

MATTE, Ana Cristina Fricke; ARAÚJO, Adelma Lucia de Oliveira Silva. A importância da escrita acadêmica na formação do jovem pesquisador. In: MOURA, M. A. de. (org.). **Educação, Ciência e Cidadania: abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012. p. 97-110.

MCLEOD, Susan; MAIMON, Elaine. Clearing the air: WAC myths and realities. **College English**, [S. l.], v. 62, n. 5, p. 573-583, may 2000.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.) [et al.]. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

ODDONE, I.; RÉ, A.; BRIANTE, G. **Esperienza operaria, coscienza di classe e psicologia del lavoro**. Torino: Otto, 2008.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

STREET, B. **Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SVOBODA, Julia; PASSMORE, Cynthia. **The Strategies of Modeling in Biology Education**. Published online: 2, December, 2011.

SWALES, J. **Genre analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

<sup>i</sup> **Maria do Carmo Carvalho Madureiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1543-5683>

Universidade Federal do Piauí

Professora Assistente da Universidade Federal do Piauí. Licenciada em Pedagogia, Mestra em educação e Doutoranda em Educação pela UFC.

Contribuição de autoria: Coleta de dados; Concepção e elaboração do manuscrito; Análise de dados; Discussão dos resultados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9376977926302286>.

E-mail: [maria.faec@gmail.com](mailto:maria.faec@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Larissa Naiara Souza de Almeida**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9121-2268>

Secretaria de Educação – Prefeitura Municipal de Fortaleza

Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação pela UFC. Professora substituta da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Pesquisadora do laboratório de estudos da escrita (Gráfi- UFC). Formadora regional do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC).

Contribuição de autoria: Coleta de dados; Concepção e elaboração do manuscrito; Análise de dados; Discussão dos resultados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0244831781036405>.

E-mail: [almeidalarissa2011@gmail.com](mailto:almeidalarissa2011@gmail.com)

<sup>iii</sup> **Esequias Rodrigues da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1048-8591>

Universidade Federal do Piauí

Professor Assistente da Universidade Federal do Piauí. Licenciado em Biologia, Mestre em Educação e Doutorando em Ciências Morfofuncionais pela UFC.

Contribuição de autoria: Análise de dados e discussão dos resultados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5122030466812547>.

E-mail: [esequias.ufpi@gmail.com](mailto:esequias.ufpi@gmail.com)

<sup>iv</sup> **Messias Dieb**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1437-791X>

Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará

Pedagogo pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (CE). Mestre e Doutor pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também é professor e pesquisador do γραφή (gráfi) - Laboratório de Estudos da Escrita. Temas de interesse: estudos da escrita e letramentos acadêmicos.

Contribuição de autoria: Análise dos dados; Discussão dos dados; Revisão Final do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4729675669995125>.

E-mail: [mhdieb@gmail.com](mailto:mhdieb@gmail.com)

**Editora responsável:** Genifer Andrade

**Especialista *ad hoc*:** Luciana de Moura Ferreira e Mônica Farias Abu-El-Haj.

---

## Como citar este artigo (ABNT):

MADUREIRO, Maria do Carmo Carvalho *et al.* A relação de estudantes na graduação com a prática de escrita no gênero Artigo Científico. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e13465, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/13465>

Recebido em 1 de julho de 2024.  
Aceito em 11 de agosto de 2024.  
Publicado em 15 de outubro de 2024.